
Os ataques aos jornalistas na cobertura da pandemia da Covid-19: O caso da TV Cabo Branco - Afiliada da Rede Globo em João Pessoa-PB¹

Laerte José Cerqueira da Silva²
Mateus Bezerra Araújo³
Vanessa Silva Oliveira⁴
Universidade Federal da Paraíba

Resumo

Este trabalho teve por finalidade entender como os repórteres da TV Cabo Branco, afiliada da TV Globo, em João Pessoa, na Paraíba, exerceram a prática jornalística em meio a ataques sofridos durante a cobertura da pandemia de Covid-19. Nossa pesquisa, tomou o Estudo de Caso como metodologia, dando ênfase às experiências vividas por quatro jornalistas entrevistados, buscando compreender os principais impactos desses ataques nas rotinas produtivas desses profissionais. Para embasar a discussão, tomamos como norte estudiosos como Arendt (2018) e Karam (2004), além de utilizarmos dados da Fenaj - Federação Nacional dos Jornalistas para enriquecer nossa discussão. Como resultados, percebemos que a pandemia não trouxe apenas danos para a saúde da população, mas também uma crise nas comunicações e laboral.

Palavras-chave

Jornalismo; Pandemia; Covid-19; Ataques; Telejornalismo.

Introdução

A pandemia que atingiu o mundo em 2020 trouxe danos para a sociedade que nem os mais pessimistas sonhariam viver. O ano de 2020 entrou para a história da humanidade como aquele marcado por uma crise sanitária nunca antes vista, trazendo impactos para a economia, política e para as relações sociais.

O primeiro registro do novo coronavírus (SARS-CoV-2) ocorreu em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, na China. Na Paraíba, em 25 de fevereiro de 2020, foi notificado o primeiro caso suspeito. Um dia depois, o Brasil entrava definitivamente na rota do novo coronavírus com a confirmação, por parte do Ministério da Saúde, do primeiro caso do país, na cidade de São Paulo.

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Orientador do trabalho. Professor do Mestrado do Programa de Pós Graduação em Jornalismo da UFPB, e-mail: laerte.cerqueira@academico.ufpb.br

³ Mestrando do Programa de Pós Graduação em Jornalismo da UFPB, e-mail: mateus.araujo2@academico.ufpb.br

⁴ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação da UFPB, e-mail: vane.oliv89@gmail.com

Entre os especialistas em saúde, há uma unanimidade de que, sem informação, é praticamente impossível superar a pandemia da Covid-19. Por isso, a imprensa e o jornalismo foram colocados no centro da crise e tiveram seus papéis – já essenciais – aumentados. O trabalho de um jornalista vai muito além de meramente informar. Em situações como as que vivemos, o jornalista precisa, de forma acessível, traduzir informações e contextualizar de modo que o público reflita sobre suas implicações.

O medo gerado pelo novo e o incerto, e o grande volume de dúvidas sobre a doença levou as pessoas a uma ávida busca por notícias em todos os formatos e plataformas. Outro fato que tornou o contexto pandêmico ainda mais preocupante foi a criticável polarização ideológica do noticiário. A pandemia também foi responsável por impor obstáculos à liberdade de expressão. O tema vem ocupando lugar de destaque na pauta de grandes veículos globais, que estão atentos ao seu papel de colaborar com as autoridades e entidades de saúde para conter mais essa onda de desinformação. A credibilidade recuperada pelo Jornalismo ao redor do mundo pode-se considerar um ponto positivo.

A cobertura da pandemia também foi um espaço para que tal classe fosse alvo de ameaças e agressões em meio a uma rotina de trabalho exaustiva. Parte considerável desses ataques partiu do presidente Jair Bolsonaro (sem partido), e de seus apoiadores. Segundo a Fenaj (Federação Nacional dos Jornalistas), o ano de 2020 foi o mais violento para os jornalistas brasileiros, desde o início da série histórica dos registros dos ataques à liberdade de imprensa feitos pelo órgão no começo da década de 1990. Foram 428 casos de violência, 105,77% a mais que o já alarmante número de 208 ocorrências, registradas em 2019.

Neste sentido, o objetivo da nossa pesquisa é entender como os profissionais de comunicação da TV Cabo Branco - Afiliada da Rede Globo, em João Pessoa, na Paraíba, mais precisamente os repórteres, estão lidando com a cobertura da pandemia da Covid-19 em um contexto de ataques e impedimentos às suas funções. Com isso, pretendemos compreender algumas questões como: Quais os desafios de realizar a cobertura da pandemia sob ameaça de repressões? A polarização política afeta/afetou a execução do trabalho jornalístico em alguma situação? Como os ataques feitos pelo presidente Jair Bolsonaro afetam os profissionais da imprensa? Para essa proposta, optamos pelo Estudo de Caso como trilha metodológica por acreditar que, desse modo, podemos entender de forma mais aprofundada a realidade vivida por esses jornalistas.

O jornalismo como fator essencial nos debates públicos

A pandemia veio como um avalanche de informações, alta demanda de trabalhos para os profissionais da saúde e provocou no Governo Federal o que Arlindo Machado define como “obsessão militar contra a televisão ao vivo” (2007, p.267), levando ao cancelamento das entrevistas coletivas que aconteciam diariamente com a equipe da saúde do Governo Federal diante da pandemia da Covid-19 no início do ano de 2020.

Na oportunidade, o então Ministro da Saúde, Luís Henrique Mandetta e os demais técnicos falavam dos avanços e respondiam perguntas de jornalistas em entrevistas coletivas televisionadas. Como houve a substituição do Ministro Mandetta, as entrevistas coletivas foram sendo canceladas aos poucos, até que não ocorreram mais.

E foi em novembro de 2019, anterior à pandemia, que a Federação Nacional dos Jornalistas, a Fenaj, denunciou ao Conselho de Comunicação do Senado que o Presidente Jair Bolsonaro já tinha um total de “99 ataques direto a jornalistas ou à forma como o trabalho da imprensa é conduzido pelo Brasil”. Esse número foi calculado desde a posse do Presidente. Os ataques se agravaram em 23 de Agosto de 2020, quando o Presidente Jair Bolsonaro ameaçou um jornalista do Jornal O Globo com a frase: “*Minha vontade é encher tua boca de porrada.*”. E desde então, os ataques foram sendo direcionados para jornalistas pelos apoiadores bolsonaristas em todo o Brasil que xingavam repórteres, principalmente da emissora Globo com o termo “Globo Lixo”; “Globo comunista”; entre outros. Houve registros de manifestantes invadirem entradas ao vivo, impedindo os jornalistas de trabalharem e muitas vezes foram xingados ou até agredidos.

Segundo o relatório anual da Fenaj 2020, “as agressões verbais/ataques virtuais cresceram 280% em 2020, em comparação com o ano anterior. Identificou-se 76 casos e, apesar do aumento expressivo, provavelmente muitos não foram registrados, já que nem todos os profissionais denunciam a agressão de que foram vítimas, especialmente quando se tratam de ataques virtuais.” Na Região Nordeste foram 19 casos de violência contra jornalistas (6,88% em relação ao Brasil). O Ceará é o mais violento, com sete casos. Na Bahia, na Paraíba e em Pernambuco, foram 3 casos em cada. No Piauí, foram registrados dois casos e, no Rio Grande do Norte, um.

No caso da Paraíba, equivale a 1,09% dos casos e segundo o relatório, acredita-se que em todo o país houve subnotificação e jornalistas não teriam denunciado. Um dos

casos trazidos no relatório é do repórter da afiliada Globo na Paraíba, Plínio Almeida: “17 de abril - O jornalista Plínio Almeida, repórter da TV Cabo Branco, foi agredido verbalmente por um homem que passava na rua, momento em que fazia uma entrevista ao vivo, no bairro do Bessa. Ao passar pelo repórter e entrevistado, o homem gritou “Globo Lixo! Ele estava acompanhado de uma mulher, que nada disse.”

O relatório da Fenaj declara que o presidente Jair Bolsonaro foi o principal autor de ataques a veículos de comunicação e jornalistas, em 2020. E repetiu a posição do ano 2019. Foram 175 ocorrências (40,89%), a maioria delas tentativas de descredibilização da imprensa (145), 27 casos de agressões aos profissionais (26 agressões verbais e uma ameaças), uma ameaça à TV Globo e dois ataques à Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj). Servidores públicos (ocupantes de cargos de livre nomeação) foram os que mais atentaram contra a liberdade de imprensa, depois do presidente. Eles fizeram 86 agressões (20,09% do total), a maioria de censura.

A violência contra comunicadores fere os direitos individuais das pessoas e os direitos à informação. E a lei nº 5.250/1967 define no capítulo 1 o que é a liberdade de expressão: “É livre a manifestação do pensamento e a procura, o recebimento e a difusão de informações ou ideias, por qualquer meio, e sem dependência de censura, respondendo cada um, nos termos da lei, pelos abusos que cometer”, como exposto no relatório 2019-2020 sobre violações à liberdade de expressão da Artigo 19.

A censura deve ser combatida e a manifestação do pensamento é livre, principalmente quando está envolvida com a Política, e é como Hannah Arendt faz uma análise reflexiva sobre os sistemas totalitários:

“São a forma mais extrema de desnaturação da coisa política, posto que suprimem por completo a liberdade humana, submetendo-a ao fluxo de uma determinação histórica ideologicamente fundamentada, contra a qual é impossibilitada toda resistência individual livre por meio do terror e do domínio da ideologia.” (ARENDR, HANNAH, 2018)

A “coisa política” que Hannah Arendt (2018) definia era na polis grega, que é idêntica à liberdade e ela constata que “a política baseia-se no fato da pluralidade dos homens”. Através da democracia, conseguimos organizar e regular o convívio de pessoas diferentes que fazem parte da sociedade. Arendt (2018) cita Aristóteles que reforça que “a liberdade e a espontaneidade dos diferentes homens são pressupostos necessários para o surgimento de um espaço entre homens, onde só então se torna possível a política, a verdadeira política.”. É onde conclui que o sentido da política é a liberdade. O que não

aconteceu no período de pandemia no Brasil, com dados alarmantes de agressões contra jornalistas que ganharam notória atenção do país ao reportarem os dados da Covid-19.

Karam (2004) compara a perspectiva de campo da Política e do Jornalismo, que são construções humanas cotidianas e que o debate é imprescindível, o que a pandemia não transpareceu nas coberturas jornalísticas quando se questionava o Presidente da República que já retrucava com xingamentos, como se a categoria jornalística fosse inimiga. Ainda segundo Karam (2004) essa união só dará certo, se a comunicação entre elas incluir a realidade e as complexidades do mundo:

“Sem o debate, o obscurantismo torna-se um padrão. Só com ele, a ação política não tem qualquer referência concreta ética, porque faltaria o objeto produzido pelo sujeito. Por isso, a prática da Política e do Jornalismo deve ser o resultado da incorporação valorativa, onde está a ética, que se expressa em infinitos produtos midiáticos.”.
(KARAM, FRANCISCO JOSÉ CASTILHOS 2004)

Em 20 de março de 2020, manifestantes confundiram a CNN com a Globo e chamavam os repórteres de “Globo Lixo”. Em 19 de Abril, manifestantes interromperam a entrada ao vivo da jornalista da CNN em Brasília, Rudá Moreira, em frente ao quartel General do Exército. Em 17 de Maio, a repórter Clarissa Oliveira foi atacada por um manifestante com um mastro de bandeira enquanto fazia a entrada ao vivo na Esplanada dos Ministérios, em Brasília.

Neste mesmo período do ano, jornalistas que cobrem Política em Brasília, sempre iam para a frente do Palácio da Alvorada onde o Presidente Jair Bolsonaro saia do carro e dava declarações ao responder diversas perguntas que os jornalistas faziam. No documentário “*Cercados*”⁵ disponível no Globoplay, na plataforma de streaming, mostra que lá ficavam de um lado os jornalistas e do outro, apoiadores. Depois de respostas agressivas de Bolsonaro como do tipo: “Cala a boca, deixa eu falar”, apoiadores sempre apoiavam os xingamentos em direção aos jornalistas diminuindo o trabalho da categoria.

Veículos de Imprensa como o Grupo Folha e Grupo Globo retiraram os jornalistas das coberturas diárias no “cercadinho” por causa das constantes agressões que chegaram a citar que o “vírus era uma invenção para derrubar o Governo”; “Jornalistas vão morrer de fome porque não trabalham com a verdade”, entre outras frases que o documentário “*Cercados*” mostra como acontecia.

⁵ Filme de 2020 disponível na plataforma Globoplay que oferece ao espectador um ângulo inédito para as cenas que marcaram a cobertura do coronavírus. Com direção de Caio Cavechini, o documentário foi gravado no Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Manaus e Fortaleza.

Os jornalistas a partir do momento que iam até o Palácio da Alvorada com expectativas de declarações do Presidente tinham o objetivo de captar as informações mais úteis para os veículos divulgarem. E é o que acontece no que Barreto (2006) define como:

“Um elo interativo, num complexo e intrincado sistema de ação e reação que acaba expresso no que chamaremos de atitude noticiosa, ou seja: um relato que objetiva obter repercussão.”. (BARRETO, 2006)

A partir desse conceito, o autor explica que existem espaços apropriados para o jornalismo e a política coexistirem em três tipos de comportamentos: interferência, inserção e visibilidade. Ele define que a interferência é o conjunto de ações que os atores políticos fazem para fazer parte do relato noticioso. A inserção é a inclusão de políticos na notícia que sempre divulgam tudo aquilo que desejam. E a visibilidade é uma consequência que é quando o jornal circula e a notícia é lida.

Os ataques aos jornalistas durante a pandemia de Covid-19

O presente trabalho busca entender como foram os ataques sofridos pelos repórteres da TV Cabo Branco durante a pandemia de Covid-19, e como tais fatos impactaram suas atuações jornalísticas, assim como procura compreender quais as possíveis motivações que induzem essas situações.

Para isso, a metodologia adotada para esta pesquisa deu-se por meio de um questionário, que suscitou um Estudo de Caso, uma vez que um corpus específico foi escolhido. O questionário trata-se de uma enquete disponibilizada no Formulários Google, contendo cinco perguntas abertas a serem respondidas por quatro repórteres da TV Cabo Branco - Afiliada da Rede Globo, em João Pessoa, na Paraíba. Todos os entrevistados autorizaram a divulgação de seus nomes para esta pesquisa, sendo assim, são eles, por ordem alfabética: Felícia Arbex, Ítalo Di Lucena, Plínio Almeida e Sílvia Torres. Ressaltamos aqui que as respostas foram coletadas entre os dias 25 e 28 de janeiro de 2021.

Yin (2001, p. 32) fala que o estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas. Goode e Hatt (1979, p. 421-422) definem o estudo de caso

como um método de olhar para a realidade social; "... não é uma técnica específica. É um meio de organizar dados sociais preservando o caráter unitário do objeto social estudado".

Na TV Cabo Branco, assim como em inúmeras empresas de comunicação do Brasil e do mundo, os profissionais precisaram se adaptar e lidar com os mais diversos tipos de situações devido os impactos trazidos pela pandemia de Covid-19. Além do risco iminente de contaminação, os ataques sofridos pelos profissionais de comunicação também foram e continuam sendo grandes desafios dessa classe. A repórter Sílvia Torres revela: “Já tive que parar de gravar algumas vezes até o manifestante cansar ou eu precisar me afastar pra gravar”. A jornalista Felícia Arbex também relata uma das suas experiências:

Uma vez eu estava fazendo uma entrevista com moradores de rua, era noite, tratávamos da falta de vagas nos abrigos, quando passou uma caminhonete com um grupo que faria doações de sopas para as pessoas que eu estava entrevistando. Aí umas três pessoas que estavam na caminhonete começaram a gritar "Globo Lixo", "Globo mentirosa, vai embora!", a rir alto... Eu fiquei até apreensiva de jogarem na gente, assim porque dava para ver as panelas né, em cima da caminhonete. E aí eu e o cinegrafista fomos embora até porque já tínhamos terminado a entrevista, né e eles iam descer para distribuir a sopa. Mas assim, o que mais me assustou, foi que...pensei: "Meu Deus, até que ponto chegamos.". Porque pessoas fazendo boas ações, né? Um grupo fazendo uma boa ação, doando sopas num período como estamos vivendo de pandemia para pessoas carentes que estão precisando e despejando ódio desse jeito, querendo oprimir o nosso trabalho, mas nunca me impediu de seguir com o trabalho não. Mas a gente toma alguns cuidados, tipo assim: observar quem está por perto, local que vai montar o link, sempre ficar atento de uma possível manifestação de xingamentos de algo desse tipo. (ARBEX, 2021).

O repórter Plínio Almeida também compartilha um dos ataques sofridos durante a execução do seu trabalho na pandemia:

A intimidação ocorreu desde os primeiros dias da pandemia por conta do negacionismo. Os dias foram passando e, mesmo com a grande quantidade de contaminados e mortos, muitas pessoas motivadas por ideologias contrárias à realidade pandêmica aderiram à tese inverídica de que os veículos de comunicação, especialmente a Globo e suas afiliadas, espalhavam terror. E assim passamos a ser abordados de maneira violenta nas ruas, quase que agredidos fisicamente. Numa central de distribuição de alimentos, um homem apareceu atrapalhando uma gravação nossa, gritando muito e nos xingando das piores palavras, defendendo suas preferências políticas e reproduzindo o discurso de seus políticos admirados contra a emissora. Neste dia pensei que seria agredido com um soco no rosto ou algo parecido. Até me preparei para isso. (ALMEIDA, 2021)

A negligência no combate à pandemia, a negação das vacinas e a insistência na promoção de tratamentos comprovadamente ineficazes contra a Covid-19 suscitaram um verdadeiro levante de pesquisadores e entidades científicas contra a praga da desinformação que se alastra com consequências cada vez mais nefastas pelas mídias digitais. Roque (2020), fala que: “Embora venha sendo fomentado há tempos, o negacionismo ganhou espaço inédito em governos de extrema direita ao redor do mundo”, e completa trazendo o seguinte posicionamento referente ao negacionismo:

O negacionismo científico e o obscurantismo intelectual do governo federal tiveram ao menos um efeito colateral positivo: um despertar da comunidade científica para a importância da comunicação com a sociedade. É notável o aumento da participação de pesquisadores, médicos e acadêmicos na divulgação da ciência e no combate às fake news no decorrer da pandemia, tanto pelos meios tradicionais de comunicação (servindo como fontes de informações confiáveis para a imprensa, por exemplo), quanto por iniciativas pessoais nas redes sociais. (ROQUE, 2020).

De acordo com os nossos entrevistados, a polarização política presente no cenário nacional é um dos fatores que impactam de forma negativa o desenvolvimento dos trabalhos dos profissionais de comunicação. O repórter Ítalo Di Lucena diz: “Para algumas pessoas, apesar de sempre estarmos respaldados por dados oficiais, se a informação não vai de encontro ao que elas pensam, essa informação passa a ser tratada como tendenciosa ou até inverídica”, expressou.

Plínio Almeida complementa dizendo:

A polarização é muito forte. Os ataques diminuíram sensivelmente, mas somos questionados a todo momento. Algumas vezes, de maneira mais forte. Sobre discutir temas na rua, concordar ou não com quem nos aborda, acho completamente normal. A violência, não. (ALMEIDA, 2021)

Como já exposto nesta pesquisa, o relatório 2020 da Fenaj sobre a violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil, aponta o presidente Jair Bolsonaro como o principal autor de ataques a veículos de comunicação e jornalistas. Nossos entrevistados se posicionaram sobre este fato. Sílvia Torres é direta ao dizer que trata-se de: “Desrespeito. Censura”. Já Ítalo Di Lucena acredita que tal informação justifica-se por meio de dois pontos:

O primeiro: pela falta de repertório e conhecimento técnico do presidente sobre as funções do cargo que exerce, só lhe resta o ataque para que a atenção seja desviada. O outro: é visível o destempero e descontrole de Jair Bolsonaro. Quando questionado, mesmo que com provas claras de corrupção ou má administração, ele não sabe o que responder e ataca e incita o ataque aos profissionais de imprensa. (LUCENA, 2021).

O jornalista ainda completa o seu raciocínio expressando-se sobre o impedimento da pluralidade de vozes:

O impedimento da pluralidade de vozes pode interessar a qualquer pessoa que tenha uma conduta errada ou criminosa, assim é interessante descredibilizar a imprensa livre, pilar da democracia. Quando temos vozes limitadas, deixamos de ter um relato real dos fatos, um risco para o estado democrático. (LUCENA, 2021)

Ainda sobre a mesma temática, o repórter Plínio Almeida diz que: “Movimentos antidemocráticos de quaisquer espectros políticos desejam usar a imprensa. Quando não conseguem, trabalham para massacrar quem não atende a seus interesses”, conclui. Felícia Arbex, em sua fala, espelha o que possivelmente boa parte dos profissionais de comunicação estão sentindo:

Eu acho uma falta de respeito sem tamanho, um absurdo sem tamanho, até porque a gente não sabe até onde essa agressividade toda, na fala, no discurso, nas atitudes, até onde isso pode chegar. E a gente tá exposto, né? Fica um pouco apreensivo sim, por quererem sabotar o nosso trabalho, e isso acaba oprimindo as pessoas, até as pessoas que estejam vendo e não concordam com a ideia, acabam oprimindo as pessoas de defenderem, de ajudar. Oprimem as pessoas de começarem a querer expor a própria opinião, suas idéias e insatisfações. Eu acho que é uma corrente péssima. (ARBEX, 2021)

As falas dos repórteres, como vimos neste capítulo, mesmo tratando-se apenas de um recorte específico da realidade, retratam o panorama vivenciado por estes profissionais durante este período tão caótico. Em contrapartida, especialistas da área constataam que tal cenário torna-se propício para reinvenção, adaptação, criação e/ou até aprofundamento de práticas laborais para esta categoria.

Considerações finais

Em síntese, observamos que a pandemia não só trouxe uma crise sanitária, econômica e política, mas também uma crise nas comunicações e laboral. Jornalistas foram vítimas de violência verbal e corporal, além disso, a luta contra falsas informações envolveu não apenas jornalistas, mas comunidade acadêmica e científica. O Estudo de Caso, através do questionário, teve fundamentos de autores que prevêm características de regimes totalitários. E conseqüentemente, a análise das entrevistas reforçou as teorias analisadas anteriormente.

Essa conjuntura também foi marcada pelo aumento da violência na esfera digital, segundo a Fenaj. Tal desorganização de pensamentos para solucionar uma pandemia desencadeou uma briga política, tomando a imprensa como inimiga e culpada por divulgar uma doença que mata, onde muitos queriam enxergar apenas como uma "gripezinha", o que, no entanto, veio como uma avalanche trazendo danos incalculáveis.

Vivenciamos uma realidade onde parte dos jornalistas estão em seus campos de trabalho, levando informação e sendo atacados. Viver o medo no momento do trabalho é inaceitável, e ao mesmo tempo incompreensível, como vimos nos relatos dos jornalistas. Aqui também nos cabe ressaltar os danos trazidos para o produto final do trabalho jornalístico: a notícia. Tais ataques tiram da população o direito à boa informação.

Ainda vivemos uma pandemia sem data para terminar. Assim, concluímos que a comunicação liberta e é sustentada pela lei de liberdade de expressão, além disso, a comunicação educa e informa a sociedade, além de democratizar o direito à informação. Silenciar um jornalista por meio de ataques é uma das características do totalitarismo. Por

décadas, tentam limitar o trabalho de jornalistas e a resistência/direito de informar vai continuar. Por isso, acreditamos que pesquisas em torno deste atual cenário que estamos vivenciando devem seguir sendo realizadas para que avanços para a área sejam conquistados.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Plínio. **Plínio Almeida**: Depoimento. [jan. 2021]. Entrevistadores: Mateus Bezerra Araújo e Vanessa Silva Oliveira. João Pessoa: UFPB.

ARENDT, HANNAH. **O que é Política?** (Fragmentos das “Obras Póstumas” (1992), compilados por Ursula Ludz) – tradução Reinaldo Guarany. 12ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

ARBEX, Felícia. **Felícia Arbex**: Depoimento. [jan. 2021]. Entrevistadores: Mateus Bezerra Araújo e Vanessa Silva Oliveira. João Pessoa: UFPB.

ARTIGO 19. **Violações à liberdade de expressão**. Disponível em: <https://artigo19.org/2020/11/26/relatorio-violacoes-a-liberdade-de-expressao-2019-2020/>. Acesso em: 22 de jan. 2021.

BARRETO, EMANOEL. **Jornalismo e Política: a construção do poder**. Estudos em jornalismo e Mídia. Vol. III nº1 – 1º semestre de 2006.

DI LUCENA, Ítalo. **Ítalo Di Lucena**: Depoimento. [jan. 2021]. Entrevistadores: Mateus Bezerra Araújo e Vanessa Silva Oliveira. João Pessoa: UFPB.

FENAJ. **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil**. Disponível em: <https://fenaj.org.br/relatorios-de-violencia-contrajornalistas-e-liberdade-de-imprensa-no-brasil/>. Acesso em 29 jan. de 2021.

GOODE, Willian, J.; HATT, Paul L. **Métodos em pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

KARAM, FRANCISCO JOSÉ CASTILHOS. **Ética, deontologia, formação e profissão: observação sobre o Jornalismo**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Vol I nº1 semestre 2004

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas e pós cinemas**. Campinas, São Paulo. Papirus: 1997

ROQUE, Tatiana. **Negacionismo no poder: Como fazer frente ao ceticismo que atinge a ciência e a política**. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-negacionismo-no-poder/>. Acesso em: 01 fev. de 2021.

TORRES, Sílvia. **Sílvia Torres**: Depoimento. [jan. 2021]. Entrevistadores: Mateus Bezerra Araújo e Vanessa Silva Oliveira. João Pessoa: UFPB.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.